

Sandrine Bonnaire no DocLisboa

“Se temos uma irmã autista também somos diferentes”

Sandrine Bonnaire filmou a sua irmã autista antes e depois de cinco anos num hospital psiquiátrico. As consequências são brutais. Um documentário para mudar o estado das coisas, hoje à noite, no Doc Lisboa, com a presença da realizadora

Alexandra Lucas Coelho

● A atriz francesa Sandrine Bonnaire vai apresentar logo à noite no Grande Auditório da Culturgest o documentário *Elle s'appelle Sabine*, em que filma a sua irmã um ano mais nova, autista. Aos 18 anos, Sabine tem uma cabeleira às ondas e um sorriso radiante, toca Schubert ao piano, fala a grande velocidade, anda de moto, mergulha no mar. Cinco anos de hospital psiquiátrico vão destruir tudo isto.

Pensou neste documentário quando a sua irmã foi hospitalizada, mas já a tinha filmado na juventude. A possibilidade de um filme existia há muito?

Comprei uma câmara em 1987 para filmar Sabine em viagem a Nova Iorque. Antes fomos a Guadalupe, foi a primeira vez que a filmei, ela tinha 19 anos. Era uma apaixonada da geografia. Como já não ia à escola, ficava no quarto, com livros, fascinada pelas diferenças horárias. Adorava que fosse dia num país e noite noutro.

Antes de Nova Iorque há imagens dela ao piano, a andar de moto...
Na moto deve ter 18 anos, e quando toca piano uns 24. Quando toma banho e quando anda de carro e fecha os olhos com a música tem 19 anos. Em Nova Iorque tem 25.

Tinha já a ideia de um filme?

Não. Era para que ela guardasse uma memória das férias. Sonhava tanto em partir para longe que eu filmava para lhe oferecer, como fotografias.

Depois, quando foi internada, fiquei muito nostálgica da sua beleza e de todas as suas capacidades, no fim do primeiro ano no hospital. E fui olhar as imagens de férias para comparar os dois estados. Não parecia possível que se tivesse deteriorado tanto.

Logo no fim do primeiro ano?

Sim, perdi muito depressa as faculdades. Portanto, a ideia do filme existia desde o fim do primeiro ano de hospital, mas acabei por pensar: “Sou atriz, é a minha irmã, se calhar vai ser demasiado *people* [revista-corde-rosa]”. Abandonei a ideia e passaram-se quatro anos.

Filmou algo?

Não. Não há imagens do hospital. Ela estava tão degradada física e mentalmente que não a podia filmar. Era preciso manter o pudor. Até que em 2001 fui madrinha das Jornadas do Autismo, e muitas famílias me contaram histórias semelhantes à minha. Decidi então fazer este filme para denunciar o sistema não muito bom através do qual o Estado, em França, toma a seu cargo [pessoas com incapacidades]. Fiz o filme para



Sandrine Bonnaire é filmada no hospital onde esteve internada

Quando Sabine foi internada, fiquei muito nostálgica da sua beleza e de todas as suas capacidades. E fui olhar as imagens de férias para comparar os dois estados. Não parecia possível que se tivesse deteriorado tanto

sensibilizar os poderes públicos. E são as imagens de juventude que dão a brutalidade do que mudou no hospital.

Se não tivesse essas imagens jamais teria feito o filme. Ninguém me acreditaria. Eu diria que Sabine era o máximo, que sabia fazer isto e aquilo, e não teria provas. Enquanto assim, não ataco os hospitais, não estou em cólera, trata-se de uma constatação: Sabine antes e Sabine agora. Sabine tinha muitas capacidades, e por causa de um sistema que não é bom eis aquilo em que se tornou. Se tivesse estado num centro especializado não seria assim.

O seu irmão David deixou um comentário num site falando da negligência hospitalar, do abandono das pessoas aos

psicotrópicos, como seres vegetativos. Continua a ser assim?

Um pouco, sim. Falamos mais do autismo, é menos tabu, mas não há muitos centros adaptados, e nos que existem não há vagas. E o que é aberrante é que um centro custa menos que o hospital psiquiátrico. É por isso que este filme pode ajudar. Um lugar para cinco pessoas com dois educadores custa menos ao Estado do que uma pessoa no hospital. E o que Sabine tem não é uma doença, é um *handicap*. Não é qualquer coisa que se cure, é algo que pode evoluir para melhor e pior. Um hospital é para alguém se curar, ou ficar pouco tempo. Quando ficamos muito tempo lembra a prisão: eles fechados todo o tempo, pouco

pessoal para muitos doentes...

A existência do centro de Sabine deve-se à irmã célebre. Em 2007, em França, ainda é difícil encontrar um lugar para os autistas. Como explica isso?
Não é apenas o Estado que financia, há as regiões - as famílias não pagam nada. Mas o Estado não tem todo o poder, e muitas vezes as regiões não têm orçamento.
Depois de ter mostrado o filme em Cannes tem sinais de que algo esteja a mudar?
Escrevi ao senhor Sarkozy e pedi-lhe que visse o filme. Encontrámo-nos e ele disse que o tinha visto. Foi muito sensível a tudo o que dizíamos, eu e o antigo director do centro de Sabine. Sou atriz, sou apenas o mensageiro, mas sei que através do meu nome as coisas

podem ser ouvidas. Então falámos na necessidade de pequenas estruturas, porque se criamos centros demasiado grandes refazemos a estrutura do hospital. Sarkozy disse-nos que era uma muito boa ideia e reencaminhou-nos para o ministro do Trabalho e Assuntos Sociais, que concordou com o projecto. Agora é preciso que o financiamento funcione. O Estado também vai pôr em marcha ajudas ao domicílio, porque há pais que não se querem separar dos filhos, e uma escolaridade para os capazes de seguir a escola.

Qual foi a reacção de Sabine ao filme?

Lembrou-se de muitas coisas. "Ah, isto é Guadalupe." Ah, isto é Nova Iorque." Nas cenas de hoje, violentas, ria. Riu muito e depois perguntou se ainda demorava, porque tinha dificuldade em seguir uma hora e meia. No fim perguntei-lhe se gostava do filme, e ela respondeu: "Sim. Quando é que voltas?" A preocupação dela era saber se eu voltaria.

Como no filme. São 11 irmãos e irmãs. Essa relação é só consigo?

Não, com todos os irmãos e irmãs. É muito ligada a toda a família. Mais às irmãs. No período do hospital fomos nós, as irmãs, que fizemos muitas coisas.

Não fala muito do hospital no filme.

Não é necessário, compreendemos o que passou. É Sabine num estado e noutro. E a passagem do hospital é um buraco negro. É como uma sentença. Cinco anos de prisão. E o buraco negro é Sabine a perder a memória, a tremer, a babar-se, a bater com a cabeça na parede. O hospital foi isso, e só isso.

Antes do hospital, podemos ver que o olhar dela não é normal, e ao mesmo tempo revela um prazer de olhar, e de olhar quem a olha. Como descreveria esse olhar?

Ela era quase anormalmente viva. Tinha uma sede de descobrir, uma curiosidade enorme. Como uma criança que quer crescer muito rápido.

Sem vergonha?

Sim, sem vergonha. Ela não tinha consciência dos seus actos, da sua diferença. Ainda hoje, tem consciência das angústias, mas não do resto. Continua a dizer que vai ter filhos.

Ela diz-lhe: "És uma estrela de cinema." Sabe o que é isso?

Sim, veio ao meu primeiro filme, *Aos Nossos Amores*. E Maurice Pialat filmou-a a tocar piano. A cena acabou por não ficar no filme, mas ela veio à rodagem, viu toda a equipa. Tem consciência do que é o meu trabalho.

Agora vai fazer um filme em que interpreta uma autista. É a outra face deste documentário?

Exacto. Para mim funciona como um díptico, um contracampo. Nesse filme o que interessa é a gente normal, a fronteira entre quem é e quem não é normal. É a história de duas irmãs, uma autista e outra normal.

O seu papel não é uma Sabine.

Não. Há parecenças, forçosamente, um piscar de olhos, uma homenagem, mas não queria reproduzir Sabine, não seria interessante. A personagem da irmã não se parece nada comigo. Está na negação, na culpabilidade, na vergonha por causa do olhar dos outros - porque quando temos uma irmã autista também somos diferentes.

